

EXPERIÊNCIAS DISCRIMINATÓRIAS: NARRATIVAS DE UNIVERSITÁRIOS DO SUL DO BRASIL

Discriminatory experiences: narratives of undergraduate students from Southern Brazil

Alexandre Baumgarten^a
Giovane De Carli^b
Pamela Kargwanski^c
João Luiz Bastos^d
Roger Keller Celeste^e
Ramona Fernanda Ceriotti Toassi^f

RESUMO

Introdução: A discriminação é um fenômeno injusto, evitável e condenável que pode afetar negativamente a vida e a saúde dos indivíduos. **Objetivo:** Compreender experiências discriminatórias vivenciadas e presenciadas ao longo da vida de estudantes universitários de uma capital no Sul do Brasil. **Metodologia:** Estudo exploratório de abordagem qualitativa realizado por meio de entrevistas individuais semiestruturadas, gravadas e transcritas, com estudantes de graduação vinculados a cursos com distintas relações candidato/vaga, com diversidade quanto ao sexo, idade, cor da pele/raça e etapa da formação (amostra final = 15). O material textual foi interpretado pela técnica da análise temática de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Experiências discriminatórias passadas ou atuais, vivenciadas e/ou presenciadas estiveram presentes nos depoimentos de 14 dos 15 estudantes, os quais reconheceram a discriminação como um comportamento que expressa diferenças de tratamento em relação ao outro por determinadas

características, implicando ofensa, prejuízo e exclusão social das vítimas. Nas experiências discriminatórias, as que envolveram pessoas próximas dos estudantes, de seu núcleo familiar, foram as que mais os afetaram negativamente. Foram relatados múltiplos motivos associados à discriminação, em meio a situações nas quais os estudantes se identificaram tanto como vítimas quanto perpetradores de tratamentos injustos. O sentimento de solidariedade às vítimas da discriminação também foi evidenciado pelo grupo. **Conclusão:** Múltiplas experiências de discriminação foram relatadas, evidenciando a pluralidade e a complexidade o fenômeno. Este estudo tem potencial para contribuir com a compreensão da discriminação, auxiliando no desenvolvimento/validação de medidas quantitativas de fenômenos de ordem social.

Palavras-chave: Discriminação social. Educação superior. Estudantes. Relações interpessoais. Pesquisa qualitativa.

^a Mestre e Doutorando em Epidemiologia, Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

^b Graduando em Odontologia, Bolsista de Iniciação Científica, Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

^c Graduanda em Odontologia, Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

^d Professor do Departamento de Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

^e Professor do Departamento de Odontologia Preventiva e Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

^f Professora do Departamento de Odontologia Preventiva e Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Autora de correspondência: Ramona Fernanda Ceriotti Toassi – E-mail: ramona.fernanda@ufrgs.br

Data de envio: 27/04/2019 | **Data de aceite:** 22/05/2019

ABSTRACT

Introduction: Discrimination is an unfair, avoidable and unnecessary phenomenon that can negatively affect the life and health of individuals. **Objective:** To understand discriminatory situations experienced or observed by undergraduate students over their life course in a state capital in the South of Brazil. **Methodology:** Exploratory research of qualitative approach. The data were collected based on semi-structured interviews undergraduate students; then recorded and transcribed. Students were selected to assure diversity, using the number of candidate per vacancy, sex, age, skin color/race and stages in their course as indicators (final sample = 15). The textual material was interpreted using thematic content analysis of Bardin. **Result:** Discriminatory experiences experienced and/or witnessed were present in interviews of 14 students, who recognize discrimination as a different treatment to another person because of certain characteristics, implying any kind of offense, injury and social exclusion to the victims. Discriminatory experiences towards interviewees' friends or relatives affected them more than towards themselves. Multiple reasons associated with discrimination were reported, amid situations in which the students identified themselves as both victims and perpetrators of unfair treatment. The feeling of solidarity with the victims of discrimination was evidenced by the group. **Conclusion:** The university was identified as a space where discrimination occurs, especially for sexual reasons and to pertaining to a specific course, as a night course. This qualitative study can contribute to the understanding of discrimination and therefore help developing valid quantitative measures to be used in larger surveys.

Keywords: Social discrimination. Higher education. Students. Interpersonal relations. Qualitative research.

INTRODUÇÃO

A discriminação corresponde um conjunto de comportamentos observáveis, que se manifestam pelo tratamento diferencial e injusto a pessoas ou grupos em razão das suas origens, suas pertencas, aparências ou das suas opiniões, reais ou supostas^{1,2}. Trata-se, portanto, de uma experiência que necessariamente envolve interações sociais³. O interesse científico pela temática tem se expressado pelo crescente número de publicações em diferentes áreas do conhecimento científico, incluindo a de saúde pública⁴. Estudos em adolescentes e adultos demonstram prevalências de discriminação que variam de 21% a 75%^{5,6,7}, podendo o tratamento discriminatório ocorrer em variados espaços, como no local de trabalho⁸, espaços públicos^{8,9}, escola¹⁰ e universidade¹¹. O ambiente familiar também se constitui lócus de manifestação dos eventos discriminatórios¹².

Experiências discriminatórias têm sido associadas a efeitos deletérios para a saúde da população em geral¹³, incluindo sintomas depressivos¹⁴, ansiedade e diminuição do bem-estar¹⁵, aumento da frequência cardíaca¹⁶, produção crônica de hormônios relacionados ao estresse¹⁷ e sofrimento psíquico¹⁸. Tais consequências podem levar as vítimas da discriminação a adotar comportamentos deletérios, como o aumento no consumo de álcool¹⁹, ou reduzir seu engajamento em comportamentos benéficos à saúde¹⁵. Nos espaços acadêmicos, a percepção da discriminação pode influenciar negativamente a motivação dos estudantes, afetar seu desempenho escolar, sua probabilidade de evasão, autoestima, satisfação com a vida, níveis de ansiedade e comportamentos agressivos²⁰.

O foco dos estudos sobre discriminação tem se ampliado ao longo do tempo, não se restringindo às experiências exclusivamente raciais, mas também, abrangendo outras formas de tratamento injusto, como a discriminação por gênero, classe e orientação sexual^{2,21,22}. Entretanto, ainda há poucos trabalhos investigando experiências discriminatórias em meio a diferentes estratos populacionais, sob uma perspectiva ampliada e não restrita a algum tipo particular de discriminação^{11,23}. Em particular, há necessidade de se conhecer possíveis diferenças regionais na forma como a discriminação se expressa, os locais de manifestação,

eventuais sentimentos que emergem a partir dela e impactos para a saúde, além do contexto sociocultural no qual a mesma se manifesta.

Partindo do entendimento que a discriminação se refere a um fenômeno injusto, evitável e condenável, este estudo propôs-se a compreender experiências discriminatórias vivenciadas e presenciadas ao longo da vida de estudantes universitários de uma capital no sul do Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, cujo campo de investigação foi uma universidade pública do Sul do Brasil. Tal instituição de ensino superior público foi selecionada por contemplar populações com diferentes origens sociais, de alta e baixa renda, egressos de escola pública e privada e por apresentar sistema de ingresso orientado pela política de cotas sociais e raciais²⁴.

A produção de informações ocorreu por meio da realização de entrevistas individuais, guiadas por roteiro semiestruturado^{25,26}, realizadas por três pesquisadores com experiência em pesquisa qualitativa. O roteiro pré-testado contemplava três tópicos principais (Tópico 1: Entendimento do conceito de discriminação; Tópico 2: Situações e experiências consideradas discriminatórias; e Tópico 3: Sentimentos associados à discriminação). Estes tópicos foram construídos a partir do roteiro do grupo focal e das categorias de análise do estudo de Bastos et al.²³. Todas as transcrições foram devolvidas aos entrevistados para que pudessem lê-las e que tivessem a oportunidade de, verificar se estavam de acordo com as ideias apresentadas e, se julgassem necessário, se havia necessidade de complementar ou modificar seus depoimentos.

A amostra foi intencional, buscando relatos das experiências de discriminação dos universitários a partir de uma perspectiva abrangente e não restrita a um tipo particular de discriminação. Foram convidados a participar das entrevistas estudantes de cursos de graduação com distintas relações candidato/vaga (avaliado pela densidade de ingresso no momento do vestibular), de ambos os sexos, com idades variadas e que estivessem em diferentes etapas da formação. No que se referiu à cor/raça, essa também foi uma característica considerada para a seleção dos participantes do estudo, tomando-se o cuidado de ter a presença de estudantes brancos, pardos e negros na amostra.

A estratégia adotada na seleção dos participantes seguiu os princípios adotados na técnica da bola de neve, ou seja, após a realização de uma primeira entrevista com um estudante indicado por sua vivência pessoal, os pesquisadores selecionaram um segundo entrevistado, o qual foi recomendado pelo primeiro entrevistado. Esse processo foi repetido até que os pesquisadores constatarem a saturação amostral, não se encontrando em novas entrevistas informações que pudessem trazer significados adicionais aos resultados do estudo. O convite para os estudantes participarem da pesquisa aconteceu por contato pessoal entre os pesquisadores e entrevistados. Todos os estudantes convidados aceitaram participar da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas em espaços da própria universidade, a partir da disponibilidade desses estudantes, como salas de aulas, salas de estudo reservadas, ou, ainda, em espaços públicos da universidade, sempre mantendo a privacidade do entrevistado. As entrevistas realizadas eram gravadas, transcritas na íntegra e, após, examinadas pela equipe de pesquisa, buscando aprimorar a condução das questões norteadoras pelos pesquisadores entrevistados.

Ao final, 15 universitários foram entrevistados em um período de 10 meses. A duração das entrevistas variou de 15 a 45 minutos, totalizando quatro horas de gravação. Não está incluído nesse tempo, a explicação dos objetivos da pesquisa e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A análise dos resultados foi descritiva, pela técnica da análise temática de conteúdo de Bardin²⁷, sendo apresentada em categorias emergentes, ou seja, unidades de significação das narrativas de estudantes universitários em relação às experiências discriminatórias vivenciadas e/ou presenciadas no curso das interações humanas com o mundo²⁸. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade (CAAE n.º 15322813.6.0000.5347, Parecer n.º 303.041).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram das entrevistas 15 estudantes universitários, matriculados em nove diferentes cursos de graduação, de ambos os sexos e com idade entre 20 e 42 anos (Tabela 1).

Tabela 1: Caracterização da amostra.

Variáveis	n
SEXO	
Feminino	9
Masculino	6
IDADE	
20-22 anos	7
23-25 anos	5
26-27 anos	2
42 anos	1
COR DA PELE/RAÇA (AUTODECLARADA)	
Branca	13
Parda	1
Preta	1
CURSO DE GRADUAÇÃO	
Odontologia	5
Química Industrial	1
Educação Física	1
Medicina	2
Administração	1
Jornalismo	1
Arquitetura	2
Psicologia	1
Estatística	1
TIPO DE EXPERIÊNCIA DISCRIMINATÓRIA	
Vivenciada (experiência pessoal)	7
Presenciada (com outras pessoas)	1
Vivenciada e presenciada	6
Não vivenciou nem presenciou	1

A interpretação do material textual das entrevistas está apresentada em duas categorias principais: ‘Discriminação: do que tratam as experiências dos estudantes?’ e ‘Compreendendo a experiência discriminatória: motivos, local, relato e sentimentos’.

Discriminação: do que tratam as experiências dos estudantes?

Para que a experiência discriminatória possa ser adequadamente interpretada, é preciso, em um primeiro momento, entender sobre o que os estudantes estão falando quando se referem a essa questão. Academicamente, a discriminação é entendida como um processo pelo qual um membro/membros de um grupo socialmente definido é, ou são tratados de forma diferente, especialmente de modo injusto². Nesse sentido, a discriminação inclui não somente ações que trazem prejuízo ou desvantagem para outro grupo, como também aquelas que favorecem injustamente o grupo do próprio perpetrador que cometeu a discriminação²⁹.

No presente estudo, os estudantes reconheceram o fenômeno da discriminação associado a um comportamento que expressa diferenças em relação ao outro por determinadas características (físicas, comportamentais ou socialmente atribuídas), considerando-a negativa, sendo capaz de trazer ofensa, prejuízo e exclusão social às suas vítimas.

Discriminação é o ato, está discriminando [...]. Discriminar é negativo, é porque tu está ofendendo alguém. (Estudante 1, sexo feminino, 20 anos)

[...] eu entendo quando é discriminação, tu está aplicando uma ofensa a alguém. Na discriminação, tu está agindo prejudicialmente a alguém [...]. (Estudante 8, sexo masculino, 20 anos)

Discriminação é quando tu exclui a pessoa de alguma forma, por um aspecto físico, um aspecto psicológico dela, social. (Estudante 6, sexo feminino, 20 anos)

Caracterizada como uma manifestação do preconceito³⁰, a discriminação é um tratamento desfavorável, negativo³¹, ligado ao plano das ações e que possibilita práticas de violência, uma vez que fomenta relações sociais hostis³². São essas experiências discriminatórias, essencialmente negativas, que emergiram das entrevistas com os estudantes e que serão abaixo analisadas.

Compreendendo a experiência discriminatória: motivos, local, situação e sentimentos

Experiências discriminatórias são fenômenos complexos e difíceis de serem mensurados, mas que são recorrentes na vida das pessoas, sendo motivadas por diferentes características²³. Entre os universitários entrevistados, observou-se que experiências discriminatórias vivenciadas e/ou presenciadas fizeram parte da vida de 14 dos 15 estudantes. Destas experiências, 13 foram narrativas que refletem a condição de vítimas da discriminação e, por sua vez, uma que se refere à perpetração da discriminação contra outros indivíduos.

Os Quadros 1 e 2 sintetizam as experiências discriminatórias, vivenciadas e presenciadas, respectivamente, e os sentimentos que emergiram no grupo universitário estudado. Esse sentimento trata-se da percepção do estudante entrevistado sobre o que vivenciou ou sobre o que sentiu ao presenciar uma situação discriminatória.

Quadro 1: Motivo, local, relato da experiência e sentimentos dos estudantes em relação à experiência discriminatória vivenciada.

MOTIVO DA DISCRIMINAÇÃO	LOCAL	EXPERIÊNCIA DISCRIMINATÓRIA VIVENCIADA	SENTIMENTOS
Aparência física (usar óculos) associada à comportamento mais quieto	Escola	Me chamavam de 'retardada', 'mongolona', essas coisas. [...] muito poucos colegas usavam óculos, né? A maioria era sem, logo eu era a diferente, eu era a anormal, então, muitas vezes eles me excluía, assim, por causa disso. E também por eu ter um comportamento mais quieto, eu não interagia com toda turma, eu interagia com alguns poucos. E a minha própria vergonha, porque eu sabia que era feio, sabia que era ridículo usar óculos e acabava meio que ficando inibida, eu ficava inibida e não criava maiores amizades. (Entrevista 3)	Baixa autoestima, inibição para amizades, tristeza e humilhação, vergonha, muito prejuízo na vida social e emocional
Aparência física (usar óculos, ter orelha grande)	Escola	[...] pelos óculos, mais quando eu era criança. [...] acho que foi quando eu comecei a usar óculos, eu estava sei lá, acho que na quarta série por aí, os meninos, aquela coisa de: 'ah, quatro olhos, quatro olhos', aquela coisa, normal... tanto é que por isso que eu odeio, tipo sempre odiava usar óculos. (Entrevista 6) Eu tinha orelha grande, então me chamavam de 'dumbinho' (Entrevista 15)	Tristeza e incômodo
Cor da pele (racial)	Escola	Pra mim foi uma coisa assim marcante, porque eu lembro da transição que eu tive de escola, eu saí de uma escola pública onde todo mundo era uma mistura, tu tem de todas as cores na verdade, eu entro numa escola particular, onde são a maioria pessoas brancas, né, negros são poucos e eu me senti particularmente bastante excluída assim, logo no primeiro ano, é uma fase nova e eu fui sim excluída em parte, e eu atribuo isso a minha cor. Eu ouvi neguinha, ouvi comentários, ouvi coisas que me fizeram acreditar que era isso a causa. [...] os apelidos que deram, sabe esses risinhos, e pequenas coisas, nomes que atribuem a quem tem cor, enfim, é o que me fizeram acreditar que foi uma situação dessas. (Entrevista 5)	Frustração, muita tristeza, sentimento de reclusão, de impotência para mudar a percepção das pessoas

Quadro 1 (cont.)

MOTIVO DA DISCRIMINAÇÃO	LOCAL	EXPERIÊNCIA DISCRIMINATÓRIA VIVENCIADA	SENTIMENTOS
Cor da pele (racial) associada à condição econômica	Escola	O pessoal ficava me chamando de alemão e eu era o único tão loiro assim na turma sabe, e daí eles ficavam pegando no meu pé por isso. [...] acho que o que mais pegava era por isso, eles ficavam me tirando pra alemão, 'tu não tá no meu grupo', por não ser tão chegado. Só que na minha turma praticamente tinha eu, tinha um outro colega loiro só que ele era bem riquinho sabe, e ele não era preconceituoso, ele era legal, só que o pessoal pegava no meu pé e no pé dele não pegava, e no caso ele era bem cheio da grana, que nem eu disse, talvez então tenha a ver mais por questões financeiras, dessa forma eu percebi que era desigual. (Entrevista 8)	Tristeza, insegurança e vergonha
Por ser estudioso	Escola	Ser chamado de 'cdf'/estudioso. (Entrevista 9)	Vermelhidão, pernas trêmulas e raiva
Sexual	Universidade	Relacionado a tratamento diferenciado como se fosse algo desmoralizante pelo fato de eu ser homossexual. Hoje na Faculdade, o fato de no trote ter todo um "jogo" em que na verdade acabavam te pressionando mais psicologicamente, te colocando em um constrangimento. 'Ah, tu é ou não é gay, tu gosta de homem ou não?' (Entrevista 12)	Indiferença e depois sentimento depressivo, certa inibição, constrangimento, aceleração cardíaca, gagueira, rosto ruborizado
Por ser estudante de curso noturno	Universidade	Eu queria ser monitor [...] na faculdade, e daí eu senti que por eu ser do noturno, eu não sou tão qualificado quanto são os do diurno, enquanto os do diurno têm a opção de fazer o que eles quiserem, serem monitores do que eles quiserem... (Entrevista 2)	Ansiedade, gastrite e refluxo

Quadro 2: Motivo, local, relato da experiência e sentimentos dos estudantes em relação à experiência discriminatória presenciada.

MOTIVO DA DISCRIMINAÇÃO	LOCAL	EXPERIÊNCIA DISCRIMINATÓRIA PRESENCIADA	SENTIMENTOS
Cor da pele (racial)	Rua	Tinha um amigo na minha infância que ele era negro, ele era filho de uma empregada doméstica que tinha no prédio do lado, e a gente vivia brincando junto na rua, mas quando a gente se desentendi eu acabava excluindo ele do grupo, chamando ele de negro; 'saí daqui, porque tu é preto, porque tu é burro', essas coisas assim... (Entrevista 3)	Perpetrador: muito 'poderosa'. Atualmente sente arrependimento. Vítima: humilhação
Cor da pele (racial)	Trânsito	[...] meu pai já foi xingado diversas vezes no trânsito, se ele faz alguma besteira não é como uma pessoa que é chamada a atenção, uma buzinada, tipo, chamam de 'negão' mesmo, mas, bah, é um preconceito sabe, é uma coisa que incomoda. (Entrevista 5)	Vítima: estresse, chateação, revolta
Cor da pele (racial)	Lojas	Tem um parente direto meu que ele é negro, ele entrou na minha frente em uma loja e os seguranças ficaram cuidando ele, e quando eu entrei na loja atrás dele, as atendentes vieram perguntar o que eu precisava e eu disse que estava com ele. Então, apesar de eu não ser negra e ele ser, existe uma diferença. (Entrevista 14)	Vítima: humilhação, injustiça
Cor da pele (racial)	Futebol	O preconceito racial já acabou, mas isso não é bem verdade. Nós sabemos, já aconteceram casos, casos recentes, inclusive no futebol, de preconceitos. (Entrevista 10)	Vítima: revolta
Racial associada à baixa escolaridade	Trabalho	Teve uma situação em que nós tínhamos uma apresentação para fazer para o presidente da empresa, e na empresa onde eu trabalho tem uma pessoa que trabalha lá há muito tempo, ele não tem escolaridade, mas ele tem bastante conhecimento, e ele teria condições de apresentar, o que a gente precisava apresentar para o presidente muito melhor do que eu. Eu estava recém começando a trabalhar lá, estava trabalhando lá a duas, três semanas, e a responsável pelo setor pediu que eu apresentasse para o presidente, eu como sendo uma pessoa já formada, com outra escolaridade, ainda que não tivesse por dentro daquele assunto especificamente, e esse outro colega tinha muito mais condição de apresentar do que eu. Acho que foi uma combinação de escolaridade e racial, porque ele é negro. (Entrevista 4)	Vítima: injustiça, culpa

Quadro 2 (cont.)

MOTIVO DA DISCRIMINAÇÃO	LOCAL	EXPERIÊNCIA DISCRIMINATÓRIA PRESENCIADA	SENTIMENTOS
Por deficiência	Escola	Eu tenho uma paciente que ela tem realmente diagnóstico de retardo mental e ela está na terceira série, com treze anos. A mãe foi conversar comigo porque ela era apedrejada, os dedos dela eram esmagados nas portas do banheiro, sabe acontecia, teve uma vez que ela chegou com um vergão no braço porque um menino deu uma porretada no braço dela. As crianças não estão nem aí, vão lá, discriminam e têm preconceito e não tão nem aí mesmo. Eu acho que esse 'bulling' está ligado à discriminação. Eu acho que as pessoas começam a ficarem mais conscientes do que é isso, a discriminação que o outro pode estar sofrendo, quando ficam mais velhas. (Entrevista 3)	Vítima: inibição
Sexual	Estágio	[...] eu tenho um amigo que é homossexual, e eu acho que influiu muito quando ele foi procurar estágio, por exemplo, acho que isso influiu muito para ele conseguir, tanto que ele era um guri super inteligente, super esforçado, tudo, simpático, [...] eu vi que ele não conseguia estágio, eu acho que pelo comportamento dele de ser homossexual. (Entrevista 6)	Vítima: tristeza, pressão
Sexual	Universidade	A gente tem um colega gay na nossa turma e ele sofre discriminação, para mim é nítida assim, porque os guris da turma não andam muito com ele, acham que tem medo de serem tachados, só porque tão andando com ele, né, então ele acaba se enturmando mais com as gurias, e ele mesmo diz que não se sente à vontade com o restante da turma por causa disso, porque ele sente que tratam ele diferente. Eles fazem piadinhas ou sei lá, se ele tá entrando na sala rola aquele risinho, aquela coisinha assim, não é nada muito explícito, né, mas a gente nota. (Entrevista 7)	Vítima: tristeza, nervosismo

Quadro 2 (cont.)

MOTIVO DA DISCRIMINAÇÃO	LOCAL	EXPERIÊNCIA DISCRIMINATÓRIA PRESENCIADA	SENTIMENTOS
Sexual	Todos os espaços	Já presenciei. Foi algo que eu não gostaria de ter visto, as pessoas não têm direito de discriminar ninguém na sociedade, acho que sempre se deve ter respeito pelas pessoas. [...] Sim, até em casa. É algo que é bem amplo que não tem lugar, que não é delimitado, que não vai acontecer só no teu trabalho ou na rua. Tem um espaço bem abrangente. (Entrevista 13)	Pessoa que presenciou: constrangimento. Vítima: injustiça, vergonha, fica retraída, humilhada, revoltada
Por ser inteligente, não usar roupas de marca e não jogar futebol com os amigos	Escola	Tinha um colega, que era o maior exemplo que eu vi, ele era muito inteligente, ele era o cara que era mais excluído da turma, e por ele nunca revidar, para mim, foi o cara que mais sofreu. Todo mundo pegava no pé dele e acho que como ele não revidava, ficavam pegando no pé dele cada vez mais, e uma vez teve até uma briga com ele, que empurraram ele contra um poste, bateu a cabeça e sangrou, e foi isso...por ele ser inteligente, e por ele não andar com roupas de marca, e ele não jogava bola com a gente, como a turma inteira jogava bola, talvez... eles chamavam ele de 'bichinha', quem jogava mal era 'bichinha'... até eu, às vezes, ficava chamando, mas eu tentava, não querendo me defender, mas eu tentava fazer amizade porque eu gostava de estudar também, então talvez por isso que eu consegui me juntar tanto com um grupo quanto com o outro. (Entrevista 8)	Pessoa que presenciou: injustiça
Idade	Ônibus	Discriminação de idoso, no ônibus, se tinha alguém sentado no ônibus, naquele lugar que é reservado a idosos... ocorria discussões. (Entrevista 9)	Pessoa que presenciou: raiva, injustiça, nervosismo e vermelhidão
Orientação sexual	Festas	Às vezes meus colegas, tipo, eles gostam dele, mas eles fazem umas piadinhas... eu nunca perguntei para ele se ele se importava, mas eu não acho legal e, não sei qual é o sentimento dele. Eu não gosto. Meus amigos gays, às vezes, se beijam nas festas; então, algumas pessoas ficam olhando como se fosse muito estranho. (Entrevista 11)	Pessoa que presenciou: constrangimento

Quadro 2 (cont.)

MOTIVO DA DISCRIMINAÇÃO	LOCAL	EXPERIÊNCIA DISCRIMINATÓRIA PRESENCIADA	SENTIMENTOS
Aparência Física	Escola	Minha irmã sofre bastante com discriminação pela questão de peso quando ela era mais novinha, agora continua, mas quando ela era mais nova estava com sobrepeso e não emagrecia. Com o aumento de peso os colegas dela chamavam ela de 'rolha de poço', uns negócios assim. No espaço escolar pelos colegas, porque eles fazem a ação de chamar ela, talvez eles nem pensem, 'estou chamando e tal', mas eles não sabem que aquela palavra que eles vão dizer para ela vai afetar ela emocionalmente. (Entrevista 15)	Pessoa que presenciou: afeta a família toda, dificulta o diálogo na família. Vítima: ansiedade, raiva, come demais porque fica tensa, nervosa e acaba engordando (sofrimento psicológico)

Para os estudantes que vivenciaram a discriminação, os motivos citados relacionaram-se à aparência física e cor da pele. Por sua vez, nos relatos das experiências presenciadas, estas foram percebidas, especialmente, em relação à cor da pele e por questões ligadas à sexualidade. Todas as experiências referiram-se a atos de discriminação cometidos por um indivíduo diretamente a outro – discriminação interpessoal³³. Tais experiências não tiveram um motivo único para a discriminação. Pelo contrário, os múltiplos motivos foram relatados de forma associada, confirmando a complexidade do fenômeno e a possibilidade de serem experienciados simultaneamente por suas vítimas^{23,32,34}.

Em relação ao local da experiência discriminatória, a escola foi o domínio mais identificado pelos estudantes. Tais relatos se referiram a fatos ocorridos no passado, quando os universitários ainda estavam no período de formação escolar básica – Ensino Fundamental e Médio. Nas experiências mais recentes, foi observada diversidade de espaços e contextos em que a discriminação se manifestou – universidade, família, rua, ônibus, trânsito, lojas, festas e no trabalho – assim como relatado na literatura^{8,10,23}.

Tanto a exposição à discriminação na condição de vítima quanto de testemunha se vinculou a diversos sentimentos negativos nos estudantes. O sentimento mais frequentemente relatado foi o de “tristeza”, sendo este associado à frustração, reclusão e impotência, insegurança e vergonha, “humilhação” e “inibição”. Outros sentimentos mencionados pelos universitários foram “inibição associada à baixa autoestima”, “inibição associada à vergonha”, “vergonha”, “injustiça”, “solidariedade e pena”, “desapontamento”, “sentir-se chateado associado à revolta”, “sentir-se reprimido”, “sentir-se ridicularizada”, “raiva” e “ódio”.

De modo similar, Cecchetto e Monteiro³⁴ também identificaram, em jovens do sexo masculino do Rio de Janeiro, sentimentos denominados de interiorização negativa, os quais foram representados por relatos de humilhação, constrangimento, tristeza e mal-estar. Currie et al.¹⁰, ao entrevistarem estudantes universitários aborígenes do Canadá, descreveram inúmeras reações à discriminação, incluindo choque e frustração, além de sentimentos de desamparo e desesperança, explicando que, muitas vezes, os estudantes sofriam em silêncio, inibindo-se. Estudo sobre discriminação racial em uma comunidade negra nos Estados Unidos³⁵ indicou sentimentos de raiva, ansiedade, tristeza e desapontamento associados à discriminação. Soto et al.³⁶ verificaram, em universitários latinos de 19 universidades dos Estados Unidos, sentimentos de raiva, ansiedade e tristeza como as respostas mais comuns à discriminação percebida e argumentaram que a regulação das emoções negativas é altamente necessária para a pessoa lidar com o evento.

Outro sentimento que merece destaque nos relatos dos estudantes foi o de solidariedade às vítimas da discriminação. O ato discriminatório é um problema social³⁷ e, não raro, entre as pessoas que a testemunham, pode ocorrer uma forte identificação do sentimento de solidariedade³⁸, como observado neste estudo.

Há de se levar em consideração que como o preconceito é moralmente condenado e a discriminação está juridicamente sujeita à punição, suas manifestações explícitas tornam-se cada vez mais sutis³². As falas dos universitários entrevistados sugeriram a importância social do 'não discriminar' ou 'não ter preconceito' contra determinado grupo e de referirem-se à discriminação como uma atitude negativa. Apesar disso, os estudantes também manifestaram a presença do preconceito e de atitudes discriminatórias em sua trajetória de vida.

[...] na nossa cabeça, querendo ou não, quando tem, por exemplo, um assaltante, não vou dizer generalizado, mas a maioria é negro, tem aquele estereótipo, daí acaba aquelas outras pessoas que têm aquela mesma característica sofrendo preconceito, sem ser. (Estudante 6, sexo feminino, 20 anos)

Tanto para as narrativas das experiências vivenciadas quanto nas presenciadas, os universitários mostraram a discriminação trazendo prejuízos à vida de suas vítimas e despertando sentimentos negativos. Tais experiências foram presenciadas, muitas vezes, no contexto da família dos estudantes (pai, irmã), o que pode explicar a percepção imediata da discriminação e os sentimentos negativos relatados.

Para esses universitários, as implicações de vivenciar ou presenciar eventos discriminatórios foram praticamente as mesmas, trazendo relevância às duas situações e mostrando a importância de se avaliar não só a discriminação que se vivencia, mas também a que se presencia. Também se torna oportuno considerar, em pesquisa futuras, se há diferentes implicações em se presenciar a discriminação sofrida por um familiar próximo ou por um desconhecido.

As limitações deste estudo dizem respeito à possibilidade de generalização dos resultados, que se restringe aos estudantes universitários entrevistados, com uma faixa etária limitada, a maioria brancos e de alto nível de escolaridade. Esses entrevistados não representam, portanto, as experiências discriminatórias vivenciadas e/ou presenciadas por outros grupos populacionais. Ainda, o estudo destaca a subjetividade da experiência de discriminação.

CONCLUSÃO

Seja do ponto de vista de vítima ou de testemunha, as experiências discriminatórias atravessaram o cotidiano dos entrevistados em seus variados domínios e circunstâncias. Os universitários investigados reconheceram o fenômeno da discriminação e das experiências discriminatórias como atos injustos e prejudiciais à vida de suas vítimas, despertando sentimentos negativos, tanto nas experiências vivenciadas quanto nas presenciadas. Nas experiências discriminatórias presenciadas, as que envolveram pessoas próximas dos estudantes, de seu núcleo familiar, foram percebidas como as que mais os afetaram negativamente. Houve a identificação dos estudantes não somente como vítimas da discriminação, mas também, como perpetradores. O sentimento de solidariedade às vítimas da discriminação foi evidenciado pelo grupo. A universidade foi identificada como um espaço preferencial para manifestação da discriminação, especialmente por motivo sexual e pelo turno de realização do curso. A discriminação foi associada, nesse grupo de universitários, a um comportamento

observável, com caráter negativo. Reiterou-se a ideia de que os motivos pelos quais os participantes percebem que foram discriminados podem ser múltiplos e, ainda, estar associados, além do reconhecimento de que vítimas também se reconheceram como perpetradores de discriminação.

A opção metodológica deste estudo pela técnica da entrevista individual trouxe a possibilidade de uma maior interação entre pesquisadores e participantes da pesquisa, o que favoreceu a compreensão de cada contexto e subjetividades envolvidos nas experiências discriminatórias vivenciadas e/ou presenciadas, tornando possível analisar o modo com que tais experiências afetaram/marcaram a vida desses estudantes. A utilização de metodologias qualitativas de pesquisa deve ser estimulada como parte da validação teórica de construtos abstratos, contexto-dependentes, que pretendem ser mensurados de forma quantitativa em inquéritos populacionais. Entende-se que este estudo exploratório de natureza qualitativa tem potencial para contribuir com o aperfeiçoamento de escalas de discriminação, trazendo aspectos que devem ser considerados quando da construção/validação dessas escalas.

REFERÊNCIAS

1. Taguieff PA. O racismo. Lisboa: Instituto Piaget; 1997.
2. Krieger N. A glossary for social epidemiology. *J Epidemiol Community Heal.* 2001; 55(10):693-700.
3. Godoi AAMM, Garrafa V. Leitura bioética do princípio de não discriminação e não estigmatização. *Saude e Sociedade.* 2014; 23 (1):110-18.
4. Celeste RK, Bastos JL, Faerstein E. Trends in the investigation of social determinants of health: selected themes and methods. *Cad Saude Publica.* 2011; 27(1):183-9.
5. Bastos JL, Faerstein E, Celeste RK, Barros AJD. Explicit discrimination and health: development and psychometric properties of an assessment instrument. *Rev Saude Publica.* 2012; 46(2):269-78.
6. Garcia A, Souza EM. Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. *RAP.* 2010; 44(6):1353-77.
7. Bittencourt AA, Aerts DRGC, Alves GG, Palazzo L, Monteiro L, Vieira PC, et al. Sentimento de discriminação em estudantes: prevalência e fatores associados. *Rev Saude Publica.* 2009; 43(2):236-45.
8. Silva GM, Reis EP. Perceptions of racial discrimination among black professionals in Rio de Janeiro. *Lat Am Res Rev.* 2011; 46(2):55-78.
9. Gonzales KL, Lambert WE, Rongwei F, Jacob M, Harding AK. Perceived racial discrimination in health care, completion of standard diabetes services, and diabetes control among a sample of American Indian women. *Diabetes Educ.* 2014; 40(6):747-55.
10. Currie CL, Wild C, Schopflocher DP, Laing L, Veuglers P. Racial discrimination experienced by Canadian Aboriginal university students. *Can J Psychiatry.* 2012; 57(10):617-25.
11. Gökçe AT. University students' perception of discrimination on campus in Turkey. *Journal of Higher Education Policy and Management.* 2013; 35(1):72-84.
12. Pocahy F. Um mundo de injúrias e outras violações. Reflexões sobre a violência heterossexual e homofóbica a partir da experiência do CRDH rompa o silêncio. In: Pocahy F. Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances; 2007.
13. Parker R. Stigma, prejudice and discrimination in global public health. *Cad Saude Pública.* 2012; 28(1):164-9.
14. Bastos JL, Barros AJD, Celeste RK, Paradies YC, Faerstein E. Age, class and race discrimination: their interactions and associations with mental health among Brazilian university students. *Cad Saude Pública.* 2014; 30(1):175-86.
15. Pascoe EA, Richman LS. Perceived discrimination and health: a meta-analytic review. *Psychol Bull.* 2009; 135(4):531-54.
16. Couto PF, Goto JB, Bastos JL. Pressão arterial e discriminação interpessoal: revisão sistemática de estudos epidemiológicos. *Arq Bras Cardiol.* 2012; 99(4):956-63.
17. Williams DR, Mohammed SA. Discrimination and racial disparities in health: evidence and needed research. *J Behav Med.* 2009; 32(1):20-47.
18. Souza MVC, Lemkuhl I, Bastos JL. Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev bras epidemiol.* 2015; 18(3): 525-37.

19. Coelho IZ, Bastos JL, Celeste RK. Moderators of the association between discrimination and alcohol consumption: findings from a representative sample of Brazilian university students. *Trends Psychiatry Psychother.* 2015; 37(2):72-81.
20. Brown CS. *The Educational, psychological, and social impact of discrimination on the immigrant child.* Washington, DC: Migration Policy Institute; 2015.
21. Ávila RC. Formação das mulheres nas escolas de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica.* 2014; 38 (1):142-9.
22. Bastos JL, Faerstein E. *Discriminação e saúde: perspectivas e métodos.* Rio de Janeiro: Fiocruz; 2012.
23. Bastos JL, Gonçalves H, Faerstein E, Barros AJD. Experiências de discriminação entre universitários do Rio de Janeiro. *Rev Saude Publica.* 2010; 44(1): 28-38.
24. Brasil. Lei nº 12711, de 29 de agosto de 2012. Acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm .
25. Flick U. *Introdução à pesquisa qualitativa.* 3. ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
26. Rosa MVFPC, Arnoldi MAGC. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação de resultados.* Belo Horizonte: Autêntica; 2008.
27. Bardin L. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70; 2011.
28. Matthews E. *Compreender Merleau-Ponty.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
29. Correll J, Judd CM, Park B, Wittenbrink B. Measuring prejudice, stereotypes and discrimination. In: Dovidio JF, Hewstone M, Glick P, Esses VM (ed.). *The Sage handbook of prejudice, stereotyping and discrimination.* London: SAGE; 2010. p. 45-62.
30. Oliveira CLP, Barreto PCS. Percepção do racismo no Rio de Janeiro. *Estudos Afro-Asiáticos.* 2003; 25(2):183-213.
31. Dovidio JF, Hewstone M, Glick P, Esses V. Prejudice, stereotyping, and discrimination: theoretical and empirical overview. In: Dovidio JF. *The sage handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination.* London: Sage; 2010.
32. Bandeira L, Batista AS. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Estudos Feministas.* 2002; 10(1):119-41.
33. Plous S. *Understanding prejudice and discrimination.* New York: McGraw-Hill; 2003.
34. Cecchetto F, Monteiro S. Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina. *Estudos Feministas.* 2006; 14(1):199-218.
35. Shultz C, Skorcz S. African American infant mortality and the Genesee County, MI REACH 2010 initiative: an evaluation of the Undoing Racism Workshop. *Soc Work Public Health.* 2012; 27(6):567-603.
36. Soto, JA, Armenta BE, Perez CR, Zamboanga BL, Umaña-Taylor AJ, Lee RM, et al. Strength in numbers? Cognitive reappraisal tendencies and psychological functioning among Latinos in the context of oppression. *Cultur Divers Ethnic Minor Psychol.* 2012; 18(1): 384-94.
37. Lima MEO, Vala J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia.* 2004; 9(3):401-11.
38. Campos ID, Stripling AM, Heesacker M. "Estoy viejo" [I'm old]: internalized ageism as self-referential, negative, ageist speech in the Republic of Panama. *J Cross Cult Gerontol.* 2012; 27(4):373-90.